

A carnavalização da morte na crônica “A tragédia do cordão Estrela de Dois Diamantes”, de Luís Edmundo / *The Carnivalization of Death in the Chronicle “A tragédia do cordão Estrela de Dois Diamantes” [The Tragedy of the Star with Two Diamonds Carnival Block], by Luís Edmundo*

Fabiano Dalla Bona*

Carolina de Castro Wanderley**

RESUMO

O artigo pretende demonstrar quando a crônica carnavalesca no início do século XX no Brasil foi ferramenta para um projeto nacional de cultura sob cânones burgueses, unívocos e europeus, confrontando suas ocorrências com a carnavalização verificada na crônica “A tragédia do Cordão Estrela de Dois Diamantes”, de Luís Edmundo.

PALAVRAS-CHAVE: Crônica carnavalesca; Carnavalização; Rio de Janeiro

ABSTRACT

The article intends to demonstrate when the carnival chronicle at the beginning of the 20th century in Brazil was a tool for a national cultural project under bourgeois, univocal and European canons, comparing its occurrences with the carnivalization seen in the chronicle “A tragédia do Cordão Estrela de Dois Diamantes” [The Tragedy of the Star with Two Diamonds Carnival Block], by Luís Edmundo.

KEYWORDS: *Carnival Chronicle; Carnivalization; Rio de Janeiro*

* Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Faculdade de Letras, Departamento de Letras Estrangeiras Neolatinas, Campus Cidade Universitária, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; <http://orcid.org/0000-0003-2195-8835>; fdbona@gmail.com

** Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Faculdade de Letras, Departamento de Letras Estrangeiras Neolatinas, Campus Cidade Universitária, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; CAPES, Proc. 88887.837019/2023-00; <https://orcid.org/0000-0002-4466-1172>; contato@carolinawanderley.com.br

Houve um tempo em que o carnaval não era um assunto nacional, não estampava reclames do país mundo afora, nem mesmo compunha a definição típica do povo brasileiro. Nem mesmo existia o samba! Muito pelo contrário, a grande discussão era qual modelo de carnaval estrangeiro seria adotado num Brasil há pouco saído do império e do regime escravagista.

Tal qual a formação étnica do povo brasileiro, também eram as influências disponíveis para a construção do folguedo: maracatus, afoxés e cucumbis africanos, danças festivas e caboclinhos indígenas, zé pereiras e entrudos portugueses.

Em meados do século XIX estas influências, no entanto, não somavam, mas mostravam-se conflitantes. Havia uma declarada guerra travada pelas elites e pela imprensa contra o entrudo, que consistia numa brincadeira prosaica em que os foliões se atiravam mutuamente pequenas esferas de cera recheadas com água, líquidos perfumados, tinta, e às vezes também substâncias duvidosas.

O gosto pelo entrudo atingia de modo amplo as camadas populares, mas eventualmente a prática também era bem aceita por algumas famílias abastadas e, principalmente, pelo Imperador, sua família e seu séquito. Aliás, este o principal motivo pelo qual a classe literata brasileira, abolicionista e republicana por definição, atacava ferrenhamente o entrudo: por ele representar uma prática “monárquica e antiquada”. Esses argumentos foram suficientes à época para que a imprensa liderasse uma campanha massiva contra a manifestação carnavalesca, subsidiada principalmente pelas crônicas dos literatos da época.

É a respeito da crônica amplamente empregada neste período derradeiro da Monarquia no Brasil que Antonio Candido (2003, p. 89) diz que “[...] sua despreensão, humaniza”, na medida em que ao falar de fatos mezinhos, de modo peculiarmente banal, consegue fazer um dos retratos mais fiéis da realidade. O autor continua:

Isto acontece porque não tem pretensões a durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originariamente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha.
[...]

Como no preceito evangélico, o que quer salvar-se acaba por perder-se; e o que não teme perder-se acaba por se salvar. No caso da crônica,

talvez como prêmio por ser tão despretensiosa, insinuante e reveladora. E também porque ensina a conviver intimamente com a palavra, fazendo que ela não se dissolva de todo ou depressa demais no contexto, mas ganhe relevo, permitindo que o leitor a sinta na força dos seus valores próprios (Candido, 2003, p. 89).

E esta mesma “ferramenta literária”, exatamente ela, que serviu para combater o entrudo (e a Monarquia e a Escravidão também), serviu para, posteriormente, tentar forjar o modelo cultural que se desejava para o país. Leonardo Pereira, em *O carnaval das letras*, traz que:

Bilac e Coelho Neto não são exceções: a década de oitenta do século XIX assiste à transformação do carnaval em assunto de grande interesse para muitos dos poetas e cronistas que escreviam nos grandes jornais do Rio de Janeiro. Se sua participação em um certo tipo de folia já se fazia notar desde a década de cinquenta do século XIX, quando escritores como José de Alencar e Manuel Antônio de Almeida fundavam a primeira sociedade carnavalesca conhecida, só muitos anos depois ele foi incorporado como tema. Autores como Raul Pompeia, Valentim Magalhães, Artur Azevedo e até mesmo o já experiente Machado de Assis não se cansavam de tratar em suas crônicas dos dias de Momo – em textos provavelmente escritos muitas vezes ainda com a ressaca das brincadeiras de véspera. De divertimento público a tema de uma geração literária que tentava consolidar a literatura nacional, o carnaval se afirmava como uma das grandes questões do período (Pereira, 2004, p. 5).

É certo que os cronistas não escreviam somente por amor à fuzarca. Como já mencionado, é pacífico entre as obras que tratam do momento literário carnavalesco o entendimento de que tanto os cronistas quanto os repórteres e colunistas estavam alinhados com a construção de uma nova imagem do país, recém-saído do mando do imperador. Durante muito tempo estes escritores se aliavam aos ideais abolicionistas, mas no final do século XIX, tendo as pautas republicana e da abolição sido contempladas, viram esvaziado o portfólio de ideais. Passaram, então, a se concentrar na criação de um novo modelo de carnaval, onde as brincadeiras de molhadelas e limões de cheiro do entrudo, tidas como bárbaras, fossem substituídas por folguedos inspirados no carnaval de Nice, Veneza e Roma, com seus cursos luxuosos.

Durante um bom período os literatos e o poder público combateram o entrudo. Com a definitiva extinção das molhadelas populares ficou claro que a pauta não atacava somente a brincadeira tida como hostil e violenta, mas principalmente as manifestações

mais populares do carnaval carioca, desalinhadas com o projeto de modernização da nação (Cunha, 2001, pp. 154-155). Isso pode ser confirmado quando se observa que as crônicas miram novo alvo, antes o entrudo e agora os cordões populares, que apareciam aos borbotões nas ruas de um Rio de Janeiro que se queria metrópole e, se possível, europeia, exatamente aos moldes da Reforma Urbana Pereira Passos, por sua vez inspirada na modernização do Georges-Eugène Haussmann, em Paris (Cunha, 2001, p. 151).

Nota-se este viés de adequação dos folguedos a novos cânones nas crônicas carnavalescas. Analisando a crônica das primeiras décadas do século XX, Eduardo Coutinho (2004, p. 2), afirma que ela “[...] garantiu às formas de divertimento do “populacho” um espaço livre da perseguição policial, ao mesmo tempo em que as enquadrando no projeto civilizatório das elites”. Ou, ao menos, tentou fazê-lo! Isto porque às vezes ficava clara a índole fanfarrona do cronista, e impossível era a afirmação de um ideal civilizado. O próprio Coutinho é quem traz:

O deus da burla surge na imprensa brasileira na segunda metade do século XIX como símbolo daquele carnaval “civilizado”, veneziano, que se pretendia criar no Rio de Janeiro em substituição aos “bárbaros” folguedos tradicionais. Aparece juntamente com os personagens da *comedia dell'arte* nos salões aristocráticos dos clubes carnavalescos e nas nascentes seções de entretenimento dos jornais. Porém, como consequência da circularidade cultural, da mesma forma como as elites assimilaram o maxixe popular, o povo logo se apropriou de Momo e o misturou com os diabos, índios, zé pereiras e as pastoras do carnaval das pequenas sociedades. Esta plurivalência social do irreverente deus da folia é o traço político-ideológico característico das colunas a ele dedicadas. Tais colunas tinham, como Jano, duas faces: uma, disciplinadora, civilizadora, burguesa, que modelava o carnaval exigido pela bela e aristocrática Avenida Central; outra, crítica, paródica, democrática, que incluía na festa nacional as alegorias e fantasias da “arraia-miúda”. Havia textos onde se dizia com todas as letras que o rei estava nu, e outros que pareciam verdadeiros editoriais, mais realistas do que o próprio rei, condenando as práticas populares (Coutinho, 2004, p. 2).

O que se percebe nas crônicas carnavalescas do período no Rio de Janeiro, principalmente, é que o caráter transgressor do carnaval popular é objeto de combate quando a crônica busca abertamente exaltar as elites e seus modos refinados de festa e quando está alinhada ideologicamente com essas elites que, repise-se, desejavam forjar a imagem do Brasil moderno através das suas práticas momescas.

Por outro lado, quando o cronista apresenta a face poética da transgressão, multívoca, os folguedos dos estratos menos favorecidos da sociedade são valorizados e viram crônicas de grande qualidade literária. É o exemplo de João do Rio, escritor carioca do início do século XX, que traz em *Cordões*:

- Mas que pensas tu? O cordão é o Carnaval, o cordão é a vida delirante, o cordão é o último elo das religiões pagãs. Cada um desses pretos ululantes tem por sobre a belbutina e o reflexo discrômico das lentejoulas tradições milenares; cada preta bêbada, desconjurando nas tarlatanas amarfanhadas os quadris largos, recorda o delírio das procissões em Byblos pela época da primavera e a fúria rabida das bacantes. Eu tenho vontade, quando os vejo passar zabumbando, chocalhando, berrando, arrastando a apoteose incomensurável do Rumor, de os respeitar, entoando em seu louvor a “prosódia” clássica com as frases de Píndaro – salve grupos floridos, ramos floridos da vida... (Rio, 2012, p. 190)

Detratores da folia ou defensores da fuzarca, os cronistas apenas traduzem em seus textos o espírito daquele tempo: um acentuado conflito entre modelos ideológicos desejados para a imagem da nação. O artigo *A literatura brasileira e a arte do Carnaval*, de Fred Góes, discorre sobre o confronto entre culturas populares e novos modelos de cultura nacional da época:

Julgava-se que o universo popular estava repleto de sobrevivências culturais que precisavam ser erradicadas para abrir caminho ao “progresso” e à “civilização”. Havia hábitos condenáveis nas formas de morar, de vestir, de trabalhar, de se divertir, de curar etc., muitos deles mais “abomináveis” ainda por serem manifestações de raízes culturais negras disseminadas nas classes populares.

[...]

O carnaval que se desejava então, como já observado, era o que se assemelhasse ao de Nice e Veneza, com arlequins, dominós, pierrôs e colombinas, em que as emoções fossem comedidas, sem os excessos dos cordões fantasiados de índios, dos batuques e cucumbis de origem africana (Góes, 2005, pp. 64-65).

Pode-se perceber que o desejo do novo modelo de carnaval eliminava a multiplicidade de vozes, buscando um unívoco burguês, morno e europeu. Por este motivo não é errado afirmar que os cronistas que melhor apresentaram o carnaval carioca do início do século XX foram os que o admitiram sob o enfoque polifônico,

polissêmico e transgressor das relações hierárquicas e da regra de moderação do carnaval segundo os cânones europeus de Nice, Roma e Veneza.

Mikhail Bakhtin (2010, p. 10) a este respeito diz que a “[...] segunda vida, o segundo mundo da cultura popular constrói-se de certa forma como paródia da vida ordinária, como um ‘mundo ao revés’”. Este mundo ao revés, no caso do carnaval brasileiro do final do século XIX, é o que se insubordina à moderação burguesa comportada.

Bakhtin também é quem traz o conceito de rebaixamento, relacionando-o com o carnaval popular, onde há “[...] a transferência ao plano material e corporal, o da terra e do corpo na sua indissolúvel unidade, de tudo que é elevado, espiritual, ideal e abstrato” (Bakhtin, 2010, p. 17). Em outras palavras, relaciona o folguedo com uma maneira bastante peculiar de tratamento das dores físicas, psíquicas e sociais, com os limites materiais e emocionais que a vida apresenta e com a forma de elaboração destes limites através do corpo, do riso, do escárnio e da festa.

Isto tudo acontece, segundo Bakhtin (2010, p. 123), pela aplicação de uma cosmovisão carnavalesca, ou uma percepção da realidade de modo carnavalesco, que contempla (i) uma familiaridade entre os participantes do folguedo situados num espaço público, (ii) uma excentricidade de temas, antes reclusos, (iii) uma *mésalliance*, onde temas antes conflitantes podem ser tratados numa mesma ocasião, de modo tranquilo e pacífico e (iv) uma profanação, que é o tratamento carnavalesco de temas sagrados, respeitosos e temidos, agora de uma forma indecente, irônica, parodística, sacrílega ou profanadora.

Os recursos teóricos aportados por Bakhtin conduzem à compreensão de que os carnavais populares figuram como uma reação dialógica às posturas do poder público e da lei, à crescente repressão racista e classista, à violência da modernizada cidade grande, à pobreza, à fome, à falta de opção social após a abolição da escravatura, às dores de amor e à morte, parodiando os modelos brancos postos. As crônicas que têm a virtude de retratar esta relação são as que, de fato, falam da festa propriamente dita, de modo isento de preconceitos.

Um exemplo de crônica carnavalesca que bem exprime toda a potência da festa e retrata as questões sociais reprimidas pelas leis, pelo cotidiano, pela pobreza e, também, pela morte, é a da lavra de Luís Edmundo, objeto deste estudo.

Luís Edmundo, ou Luís Edmundo de Melo Pereira da Costa, foi jornalista, cronista, poeta, memorialista, e foi membro da Academia Brasileira de Letras entre 1944 e 1961. Em três volumes denominados *O Rio de Janeiro do meu tempo*, apresentou crônicas da cidade no início do século XX, sua gente e sua forma de viver. Por óbvio, não poderia olvidar o carnaval, e o fez em um momento específico, quando um confronto entre cordões carnavalescos rivais tirou a vida de dois foliões do Cordão Estrela de Dois Diamantes.

Segundo os jornais da época, notadamente no *Jornal do Brasil*, no carnaval de 1902, precisamente no dia 10 de fevereiro, dois cordões carnavalescos populares se encontraram por volta das oito horas, no bairro de Botafogo: o “Flor da Primavera” e o “Estrela de Dois Diamantes”, quando um conflito entre integrantes dos grupos resultou na morte de dois foliões do “Estrela”. (*Jornal do Brasil*, 1902)

As notícias jornalísticas deram informações por vezes sensacionalistas, por vezes realistas, quase sempre crivadas de racismo e classismo. Mas, de toda forma, relataram pormenorizadamente o que ocorreu, desde a briga na rua, passando pelo recolhimento dos cadáveres ao Necrotério Municipal, a prisão de um suposto assassino, as investigações e cenas policiais diversas.

As notícias advindas do jornalismo conservador retratam a morte como uma interrupção da festa, um limite dado a ela pela própria convulsão da folia:

Como dissemos na minuciosa notícia que publicamos na edição da manhã, foi, de subito, suspensa a alegria que reinava hontem ás 8 horas da noite, entre aquelles que se entregavam aos folguedos do Carnaval, pela revoltante acena de sangue, que trouxe a morte de dous rapazes trabalhadores, ficando muitos outros feridos mais ou menos gravemente como se verá desta notícia.

Logo que se deu a triste scena a notícia repercutiu em todos os cantos dos elegantes bairros de Botafogo e Cattete.

[...]

A NECROPSIA

Ás 9 horas da manhã chegou ao Necroterio o dr. Moraes e Britto, medico legista da policia, que, auxiliado pelo tenente Mendes, administrador, deu começo á autopsia de Angelino Gonçalves, vulgo *Boi*, de côr parda, com 25 annos presumiveis.

Gonçalves estava na primeira mesa, á esquerda, e usava terno preto.

Causa mortis: hemorragia consecutiva a ferimento do pulmão esquerdo.

Em seguida foi autopsiado Jorge Nunes dos Santos, de 23 annos, solteiro, pedreiro, morador á rua Pedro Americo n. 20.

Causa mortis: hemorragia consecutiva a ferimento do pulmão direito.

- Do enterro do *Boi* encarregou-se seu cunhado Alfredo Pinto da Silva.
- Para serem depositadas sobre o feretro de Francellino, mais as seguintes corôas com os seguintes disticos: “Saudade de seu pae e irmão”, “Saudades da família Ribeiro a Jorge” e “Saudades de suas irmãs, cunhado e sobrinha”.

O enterro é feito por seu irmão Jorge Nunes dos Santos.

- Ambos os enterros terão lugar hoje, às 4 horas da tarde, para o cemiterio de S. João Baptista da Lagôa.

Os Filhos da Estrella de Dous Diamantes irão ao Necroterio depositar o estandarte do Gremio e as corôas que eles têm recebido sobre os feretros dos dous assassinados (*Jornal do Brasil*, 1902).

No mesmo veículo, uma crônica assinada por João Guedes vai um pouco mais adiante: apresenta uma construção barroca para homenagear um dos assassinados, apelidado entre os carnavalescos como “Boi”, onde se frisa com mais força o enterro do rapaz, que teve grande número de presentes e se notabilizou pela comoção:

Do carnaval deste anno me ficou uma impressão forte e persistente.

Foi o carro do *Boi*, como intitularam seus companheiros o enterro de Antonio Angelino Gonçalves, assassinado na lucta travada entre os grupos da Primavera e Estrella de Dois Diamantes.

Esse acto funebre, com effeito, foi revestido de tanta originalidade, que não resisto do desejo de escrever sobre elle. Quero crer que nos últimos tempos, entre nós, não houvesse um acontecimento tão destacado, tão a parte dos outros, que tanto nos aborrecem com sua eterna monotonia.

E o que ha de notavel nesse facto não são simplesmente as fórmulas de que se revestiu, fórmulas ao mesmo tempo tocantes e grotescas. A nota que mais vibrou e chamou a attenção publica foi o caracter de respeito e a dignidade que presidiu todo o enterro, desde a sahida do Necroterio até a ultima pá de terra no Cemiterio.

[...]

Visto e respeitado assim, era muito natural que a sua morte, motivada pela audacia que o fez sempre temido, superior e dominante, causasse todo esse apparato de glorias com que foi levado á ultima morada.

E notem os leitores que não foi nada insignificante esse enterramento. O caixão de *Boi*, acompanhado pelos estandartes das sociedades carnavalescas, funeralmente envoltos em crepe, conseguiu abafar o prazer de muita gente que seria capaz de tudo, menos de uma tristeza n’aquelle dia.

Para mim assume tal proporção este acontecimento que, estou certo, por muitos annos ele ha de permanecer nitido na memoria de muita gente [...] (Guedes, *Jornal do Brasil*, 1902)

Como se vê, o cronista registra o grande impacto que pessoalmente sofreu ao presenciar o enterro do folião, que qualifica como tocante e grotesco ao mesmo tempo. E em determinado momento, a crônica menciona que a morte de “Boi” abafou “[...] o prazer de muita gente que seria capaz de tudo, menos de uma tristeza n’aquelle dia” (Guedes, 1902, p. 13).

Ao tratar os presentes no féretro com total impessoalidade e até com certo distanciamento e desdém, o cronista constata uma morte e a retrata efetivamente, dando fim à alegria do povo e ao folguedo do carnaval popular naquele ano. Inclusive menciona que o féretro foi revestido de respeito e dignidade, logo, de acordo com o rito esperado para um enterro.

Ainda que aqui se esteja analisando uma situação extrema, de morte durante o carnaval, a tônica do tratamento dos foliões é a mesma na grande maioria de crônicas carnavalescas da época, em que os cordões, ranchos e corsos da elite eram exaltados e as manifestações populares eram motivo de críticas. Em outras palavras, não há nenhuma forma de carnavalização nos relatos citados, principalmente na crônica de Guedes, que fala claramente que tudo aconteceu com a solenidade necessária, de acordo com os ritos dominantes.

Assim, os relatos sobre cordões, ranchos e mascaradas de populares eram não só pouco detalhados, como também criticados. Os desfiles de indivíduos não burgueses eram sempre vistos com mais olhos, como retrata Maria Clementina Pereira da Cunha:

Em pouco tempo, apesar de sua índole pacífica e de suas relações com as velhas lideranças do catolicismo popular, tais desfiles passaram a ser pintados como bandos de negros desordeiros, fantasiados de índios, que se exibiam nos cordões carnavalescos ou nos últimos cucumbis do Carnaval carioca. Ao que parece, arrefecidos o ímpeto abolicionista e o entusiasmo da causa, os adufes e meneios africanos deveriam ter sido relegados ao esquecimento (Cunha, 2001, p. 2).

O contrário aconteceu, contudo, com o analisado texto de Luís Edmundo (1902), que narra exatamente o mesmo acontecimento: uma contenda entre dois cordões de carnaval compostos por gente menos abastada, negros em sua maior parte.

O cronista trata o mesmo acontecimento. Descreve o percurso que vinha sido descrito pelo Cordão Filhos da Estrela de Dois Diamantes, fala dos integrantes “[...]”

enchendo um bonde que caminha para Botafogo, batendo pandeiros, raspando récos, dançando, cantando, cheio da mais viva satisfação e descuido” (Edmundo, 1965, p. 89), que são atocaiados deliberadamente por sócios do cordão rival. A sucessão de fatos passa a um andamento intenso:

É uma refrega estúpida e sangrenta. Os homens batem-se como feras. A faca. A tiro. Rolam aos bolos. Sangram-se. Até mulheres entram no conflito, que assume proporções de uma feroz batalha. Quando serenam os ânimos, a rua é uma caudal de sangue. Há mortos, e o número de feridos e contusos é enorme (Edmundo, 1965, p. 89).

Após, o andamento da narrativa tornar-se *vivace* para o carnaval e ralentando, sangrenta, até a morte, a crônica poderia se encerrar como a anteriormente mencionada. Os ritos tradicionais e dramáticos teriam sido observados, obedecidos. Não haveria carnavalização, inversão, questionamento. Não haveria graça, em última análise. Mas Luís Edmundo prossegue, relatando a saída dos corpos dos dois mortos do necrotério:

Os da “Estrêla de Dois Diamantes” deixam a morgue, organizando o préstito mortuário, com o seu estandarte envolto em crepe, as caixas de rufo teatralmente em funeral, embora os sócios, dentro das fantasias as mais escandalosas e berrantes. Os caixões, negros e pobres, vão à frente. A seguir, numa carreata, flores, palmas, coroas e grinaldas. É uma homenagem simples, porém tocante. (Edmundo, 1965, p. 90)

O caráter simples do féretro que parte, condiz com a origem humilde dos mortos. Negros, ou pardos, conforme consta em seu laudo de necropsia exaustivamente transcrito nas reportagens, acompanhados por parceiros de festa, a isto se resume a narrativa comum aos outros textos. Ocorre que, ao reconhecer a festa popular como oportunidade de reorganização da regra, no caso a regra da morte e da finitude, Luís Edmundo direciona seu relato do ocorrido para a oportunidade de carnavalização desta mesma morte, pela força dos cordões com seus nomes portentosos. E o faz, então, através do próprio carnaval carioca:

Vai o bando lúgubre e silencioso roçando as calçadas do Largo da Glória, quando, súbito, surge-lhe pela frente, carregando pendões carnavalescos, caixas de rufos, bombos e tambores, um povaréu enorme, que ondula. São várias agremiações congêneres que, em pêso,

querem, também homenagear os heróicos batalhadores de Momo, no campo de “Honra” e do “Dever” colhidos pela Morte...

Os jornais da época dão o nome dessas associações. São elas: “Filhos do Poder do Ouro”, “Destemidos Catete”, “Maças de Ouro”, “Rainha das Chamas” e “Triunfo da Glória”. É um espetáculo magnífico. Verdadeira mobilização de mascarados. Centenas e centenas de homens vestindo as mais berrantes e excêntricas indumentárias de Carnaval, com a cara pintada, com sacos de confeti a tiracolo, pacotes de serpentina debaixo do braço, estandartes policromos desenrolados no ar, manchas violentas e alegres de côr num cenário de luto e de tristeza (Edmundo, 1965, p. 90).

Edmundo então assume novamente o ritmo cadenciado, *presto*, do carnaval em seu relato. E informa ao leitor que a inversão, o rebaixamento da regra da morte ia iniciar pelo corpo dos presentes no enterro, que começam a soar um rufo fúnebre nos instrumentos de percussão carnavalesca. Logo mais se faz ouvir uma “voz misteriosa” que canta de forma magnífica, e que ganha a companhia dos instrumentos de sopro. Novamente, pela música, pela sonoridade da construção da narrativa da crônica, o autor imprime potência ao evento retratado pois logo informa que o féretro vai se tornando mais e mais e mais emocionante, molhado de lágrimas, até que explode: “Toma corpo. Ascende. Transforma o ritmo da solfa, que resvala para um motivo sincopado. Já alegre. E profano. E mômico. E canalha. É o samba!” (Edmundo, 1965, p. 93).

A degradação do ato fúnebre e de sua intenção ritual para um momento de felicidade coaduna com Bakhtin que traz que este tipo de desvirtuamento da ritualística esperada socialmente é uma forma eficaz de criação de um renascimento. A versão grotesca do rito é uma forma de negar a morte e revestir de vida a situação trágica: “O realismo grotesco não conhece outro baixo; o baixo é a terra que dá vida, e o seio corporal; o baixo é sempre o começo” (Bakhtin, 2010, p. 17). Nesta medida, quando um velório se transforma em carnaval, carnavaliza-se a morte e se cria a nova vida dos personagens da crônica que, mortos, voltam a gozar o carnaval! Profana-se a morte, em última análise, contrariando os consensos intelectuais buscados de uma festa burguesa.

O cronista finaliza de forma retumbante, num trecho onde a narrativa do fato ocorrido e a ficção flertam, como se a verdade vestisse uma fantasia tanto quando os presentes ao enterro:

Quando a cova úmida e fria recebe os corpos que se enterram e cruzam no ar confeti e serpentinas, o cemitério está coalhado de

máscaras, de fantásticos alacres, que se agitam, massa colorida que se esparrama, fala, ri, barulha, gargalha, entre cruzeiros de pedra, ciprestes, anjos de mármore que abençoam, lousas, urnas funerárias e salgueiros... E há quem cante. E quem dance...

Sabbat magnífico! Momo domina seus muito amados filhos, soberbo e colossal, do seu trono invisível. É quando se vê um folião representando a figura da Morte, na sua negra e sinistra indumentária, tendo na mão esquerda um crucifixo de prata e na outra uma tibia, talvez autêntica, talvez achada no lugar, subir para um mausoléu de granito, gritando forte aos carnavalescos que o saudam, como se fôsse ele a própria alma carioca que ali estivesse a gritar, cheia de sinceridade e de vigor:

- Viva o Carnaval! (Edmundo, 1965, p. 94)

Observe-se que o aspecto inóspito do depósito dos corpos na sepultura, fria e inerte, é confrontado de modo expressamente inverso por uma explosão de vida, por uma “massa colorida”, pelas cores do carnaval. Essa atmosfera não é cemiterial pois “barulha” de modo alegre entre a paisagem fúnebre de ciprestes e imagens em pedra, salgueiros e lápides. É uma carnavalização ressignificante do ambiente, do rito, do ânimo, das falas e dos sentimentos.

Assim, a crônica de Edmundo não só retrata o carnaval, conforme visto. E não só carnavaliza o texto. Ela dá um exemplo da carnavalização da morte no carnaval, da profanação do rito fúnebre, de uma incontida alegria subversiva da tristeza do enterro. O cemitério, espaço público, é tomado pelo povo, mas o sentido de sua ocupação é invertido: não foram chorar, foram sambar. Mas sambando, homenageiam os mortos, de modo a inverter no gingado do corpo o ritual pré-determinado. É o rebaixamento do rito social e das convenções das exéquias, é o fazer o que não se espera e que não é apropriado, é o rir no momento do choro, tudo para o renascimento da alegria do morto.

Ao tratar das formas ditadas para o rito fúnebre neste período do franco início do século XX, Ariès (2012, p. 73) os menciona como lutos “históricos”, por vezes até ensandecidos, uma “ostentação além do usual”, a qual pode ser espelhada na inversão de um carnaval além do usual no campo santo, pela realização de um carnaval no cemitério. Nada menos usual do que a alegria efusiva no campo santo, nada menos esperado do que a fantasia trajada no momento em que a realidade da morte é ostentosa.

As regras de comportamento em relação à morte são francamente questionadas no texto de Edmundo e o resultado é uma potente crônica, que lança mão dos andamentos musicais de um cordão carnavalesco, crescendo e ralentando e crescendo

novamente para finalizar com a emblemática figura fantasiada de Morte sobre o mausoléu, tendo um crucifixo numa mão e uma tibia, possivelmente autêntica, na outra, louvando o Carnaval. O espírito da cidade, conforme tratado na crônica, carnavaliza a morte afinal.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente*. Trad. Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BIOGRAFIA de Luís Edmundo. Academia Brasileira de Letras, 2016. Disponível em <https://www.academia.org.br/academicos/luis-edmundo/biografia>. Acesso em: 21 mar. 2025.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. 7. ed. São Paulo: HUCITEC, 2010.
- CANDIDO, Antonio. Prefácio: A vida ao rés-do-chão. In: ANDRADE, Carlos Drummond *et al.* *Para gostar de ler: crônicas*. v. 5. São Paulo: Ática, 2003.
- COUTINHO, Eduardo Granja. Sobre a crônica carnavalesca. In: *Lumina*, Revista da Facom/UFJF, Juiz de Fora, v.7, n. 1/2, pp. 1-15, jan/dez, 2006.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da folia: uma história do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- EDMUNDO, Luiz. A tragédia do cordão “Estrêla de Dois Diamantes”. In: LOUZADA, Wilson. *Contos de carnaval*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1965. pp. 87-94.
- GÓES, Fred. A literatura brasileira e a arte do carnaval. In: *Terceira Margem*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 13, pp. 57-68, 2005.
- GUEDES, João. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10.02.1902. ed. 00041(1), p. 2.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O carnaval das letras*. 2. ed. UNICAMP: Campinas, 2004.
- RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- RISO e sangue. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10.02.1902. ed. 00041(1), p. 2.
- TINHORÃO, José Ramos. *A imprensa carnavalesca no Brasil*. São Paulo: Hedra, 2000.

Recebido em 01/07/2024

Aprovado em 22/03/2025

Declaração de contribuição de autores

Informo que Fabiano Dalla Bona foi responsável pela revisão crítica substancial do conteúdo intelectual e aprovação da versão final e que eu, Carolina de Castro Wanderley, fui responsável pela concepção, pesquisa e redação.

Bakhtiniana, São Paulo, 20 (2): e67389p, abril/jun. 2025

Todo conteúdo de *Bakhtiniana*. Revista de Estudos do Discurso está sob Licença Creative Commons CC - By 4.0

Declaração de disponibilidade de conteúdo

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no manuscrito.

Pareceres

Tendo em vista o compromisso assumido por *Bakhtiniana*. Revista de Estudos do Discurso com a Ciência Aberta, a revista publica somente os pareceres autorizados por todas as partes envolvidas.

Parecer I

O artigo apresenta objeto de estudo bastante relevante, estabelecendo relação clara entre a teoria, sua leitura crítica e o contexto em que fora publicada a obra em questão, faz boa abordagem da teoria bakhtiniana da carnavalização e chega a conclusões bastante interessantes. Configura-se, por isso, como importante contribuição não só para a crítica literária, mas sobretudo para o estudo e compreensão da cultura popular brasileira. Entretanto, destaco a necessidade de retomar alguns conceitos ao longo do texto, indicados pelas notas. Existe certa confusão na discussão proposta até a metade do artigo que, a meu ver, precisa ser revisto. Além disso, o artigo apresenta potencialidades para a discussão que poderiam muito bem ser exploradas pelos autores. Há que se repensar, por fim, na maneira como a teoria de Bakhtin é apresentada no artigo após a contextualização do objeto de estudo, visto que, a meu ver, surge como um corte brusco. Talvez seria mais cabível abordá-la ao longo da discussão, na medida da necessidade. Necessita de revisões na discussão, indicadas nas notas do arquivo avaliado. Apresenta questões de sintaxe que necessitam de correção. Concluo este parecer favoravelmente à publicação do texto, mediante revisão dos pontos indicados anteriormente. APROVADO COM RESTRIÇÕES [Revisado]

Matheus Victor Silva – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – FCLAR, Araraquara, São Paulo, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-2852-4469>; matheus.victor@unesp.br

Parecer emitido em 02 de outubro de 2024.

Parecer II

Título: O título do artigo é adequado, contemplando de maneira precisa o tema e o objetivo central do trabalho. Ele oferece uma clara indicação do foco da pesquisa, sendo coerente com o conteúdo desenvolvido ao longo do texto. **Objetivos:** Os objetivos explicitados no trabalho são coerentes e bem definidos. São abordados ao longo do desenvolvimento do texto, de maneira que a articulação entre a proposta inicial e o desenvolvimento da pesquisa se mantém consistente. **Articulação entre Teorias e Fontes:** O artigo demonstra uma articulação consistente e produtiva entre teorias e fontes, que são selecionadas de maneira relevante para sustentar o propósito da pesquisa. As referências utilizadas são adequadas e atualizadas, favorecendo a fundamentação teórica e metodológica do trabalho. **Reflexão Original:** A reflexão

Bakhtiniana, São Paulo, 20 (2): e67389p, abril/jun. 2025

apresentada no artigo é original e oferece uma contribuição significativa para o campo de conhecimento em que se insere. O autor(a) avança em uma discussão que enriquece o debate acadêmico e pode gerar novos desdobramentos na área. Linguagem e Estrutura: O texto é bem estruturado e apresenta uma linguagem adequada ao rigor de uma pesquisa científica na área. A exposição é clara, a argumentação é sólida e as conclusões são construídas de modo consistente e criativo, evidenciando autoria e originalidade. Recomendações: Embora o artigo apresente uma contribuição relevante e um desenvolvimento bem fundamentado, recomenda-se uma revisão linguística e gramatical para corrigir erros pontuais e melhorar a padronização, garantindo a fluidez e a clareza do texto. APROVADO

Gabrielle Leite dos Santos – Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA, Caraúbas, Rio Grande do Norte, Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-0945-6576>; gabriellegabi@gmail.com

Parecer emitido em 20 de setembro de 2024.

Parecer III

Fugiu-me na última avaliação somente uma questão. Acredito ser estranho dizer “os cronistas [...] que o admitiram sob enfoque bakhtiniano”, pois bakhtiniana é a linha de análise, a abordagem estabelecida por Bakhtin para estudar a polifonia, que por sua vez é um fenômeno independente, ou seja, existe e pode ser analisada para além da teoria tecida por Bakhtin, ainda que tenha sido ele o cunhador do termo em si. Sugeriria, para não criar confusão, que se trocasse o termo por “enfoque polifônico”. O mesmo pode ser dito da expressão “carnavalização bakhtiniana do ambiente”. A parte isto, o texto cumpriu com os demais apontamentos realizados anteriormente. APROVADO

Matheus Victor Silva – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – FCLAR, Araraquara, São Paulo, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-2852-4469>; matheus.victor@unesp.br

Parecer emitido em 01 de novembro de 2024.

Editores responsáveis

Adriana Pucci Penteado de Faria e Silva
Beth Brait
Bruna Lopes
Maria Helena Cruz Pistori
Paulo Rogério Stella
Regina Godinho de Alcântara